

## DISCURSO DE POSSE NA DIRETORIA DA FACED/UFBA

(\*) Professora da  
FACED/UFBA

**D**urante O longo e difícil processo para ocupação da vacância no cargo de Diretor da FACED, muitas vezes ouvi de colegas tanto da UFBA como de fora dela um comentário, ora sob a forma de pergunta ora como exclamação nos seguintes termos: você está louca submetendo-se a um processo desse para dirigir algo na Universidade num momento como este.

Não resta dúvida, em alguns momentos foi grande o desgaste. Alguns companheiros mais próximos sabem, talvez melhor que outros, avaliar o significado para nós de termos sempre nos mantido serenos, porém firmes em torno do que dependemos. Não há porque, neste momento, passarmos ao relato de fatos ou acontecimentos transcorridos. No entanto, não há, tampouco, como desconsiderarmos o aprendizado que tudo isso pode ter significado para a comunidade da FACED. Isto porque a responsabilidade da instituição universitária, e muito especificamente a de uma Faculdade de Educação, pela própria natureza delas, impõe aos seus membros uma certa conduta, não apenas exigida pela nova moda do politicamente correto, mas, e sobretudo, pelo significado educativo que a persistência na defesa de valores, princípios e métodos de ação política pode ter.

Objetivamos para a Universidade não somente um ambiente de produção científica e de transmissão de conhecimento, porém, e fundamentalmente uma casa de formação de jovens profissionais.

E tudo isso num mundo onde tudo se põe em questão, dos paradigmas às formas de produzir os meios de subsistência até a convivência e relacionamento entre os homens.

Em sendo essa Instituição, e como parte dela a Faculdade de Educação, até então não substituível na formação profissional é que nos cabe, e assim nos posicionamos, zelar e lutar, sem tréguas, por uma prática responsável, com qualidade, dignidade e ética. Além de ter como horizonte não os interessados individuais que a limitam a seus muros, mas sim a sociedade que a mantém e que dela espera resposta condizentes com seu espaço e tempo.

No entanto, embora não nos colocando na condição de seus coveiros, mas tendo como referência recente artigo sobre a Universidade publicado na imprensa Jocal, temos consciência de que aqueles estatutos de responsabilidade, qualidade, dignidade e até, de ética na Instituição, não se encontram em seus maiores ou melhores índices. É este um tempo de aprofundamento da crise na qual tem, já desde algum tempo, se visto imersa a rede pública de ensino superior no Brasil. Ainda que essa não tenha se instalado apenas pela ação da comunidade universitária e sim,

precipualemente, pela política para o campo educacional de sucessivos governos, quem sabe desgovernos. Realidade essa mais que denunciada nas últimas décadas, mas a despeito disso ratificada pelo atual governo que se regozija, pela sua orientação neo-liberal, em retirar recursos que deveriam ser aplicados no ensino superior para, dizer, transferi-las para o ensino fundamental. Tal decisão, festejada, como acertada, nas páginas da Revista Veja desta semana, nada mais é que a reafirmação de uma falaciosa política de prioridade para o ensino básico. Falaciosa porque tornase impossível viabilizar essa prioridade se não é assumido, como parte dessa política, o lugar estratégico, por exemplo, da formação de professores competentes para que se tenha um ensino básico e médio também competentes ou ainda do incentivo e reforço na pesquisa educacional. A volúpia que se assiste na aquisição de equipamentos como vídeos, televisores e antenas parabólicas para o treinamento de professores mal formados, nos seus cursos profissionais atingirá, em verdade, que objetivos? Na melhor das hipóteses as imposições do mercado para ampliação das vendas e expansão do consumo internacionalizado dos produtos industrializados. E quando alcançaremos a melhoria da qualificação dos professores? E onde se encontram as metas propriamente pedagógicas sobre as quais nada se fala? Por que mais uma vez assistimos à precedência dos meios sobre os fins a serem perseguidos?

Essa é a sutileza deste momento da crise da educação, a qual não sendo de agora se reveste

de uma nova faceta. Por isso, para enfrentá-la necessitamos de mais e mais competência nestes tempos em que a mídia tudo domina.

É nesse sentido que reafirmar a permanência no sistema de ensino público brasileiro é ainda, infelizmente, uma tarefa necessária. E isso para não nos perdermos na aprovação do novo apenas pela novidade que ele representa. E nestas circunstâncias a defesa do novo em oposição ao velho, em termos abstratos, como muitas vezes tem se visto entre nós, corre riscos de demonstração apenas de ausência de referências ou, de outro modo, significar como advertiu o poeta Ferreira Gullar (referindo à arte, suas que nos cabe inteiramente) que "a instituição da novidade como valor fundamental... tomou-se uma espécie de terrorismo que inibe ajuízo crítico e garante a vigência impune de qualquer idéia idiota".

Foi compartilhando dessa compreensão que consideramos caber-nos perfeitamente a cunha de irressignada que nos foi imposta em várias oportunidades ao longo da disputa que ora esperamos ver encerrada. Particularmente, de nossa parte, e com certeza da parte da maioria de nós, concordamos que a irressignação é seguramente o grande sentimento que nos domina, isto porque somos inconformados com as soluções ao estilo do que é bom para os EUA é bom para Brasil, de tão triste memória, e que hoje ainda nos são impostas sob a forma, por exemplo, deu certo no Canadá, também, dará entre nós.

Num tempo de tão profundas e graves dúvidas quanto ao impacto em todas as esferas da vida de nossa sociedade do processo de globalização da economia, da difusão das inovações tecnológicas e de novas formas de trabalho, não serão simples soluções de transferência as oportunas. Muito é necessário querer fazer como fazer-se efetivamente e não nos cabe, por isto, a irresponsabilidade de nos perdermos em questões que, por seu caráter apenas particular, poderão nos desviar do enfrentamento dos grandes desafios que nos colocam. Essa perspectiva é que nos mantém teimosamente otimista com o trabalho que poderemos vir a construir, a partir da necessária e saudável diversidade de opiniões comum a qualquer grupo. E, estamos certas, também teimosamente, que isto não ocorrerá sem o comportamento de idéias e posições e sem um embate cotidiano contra aqueles que em nome de uma falsa mudança querem, de fato, nada mais que uma modernidade da qual poucos desfrutam e muitos são excluídos.

Para concluir gostaria de particularmente afirmar ao assumir este cargo:

Aos dirigentes da UFBA que nos aliamos ao esforço que se vem desenvolvendo para que o Estado assuma sua responsabilidade para com a universidade pública, bem como para que a sociedade defenda esta instituição como um seu patrimônio fruto de conquista e não de doação. Aos ex-diretores da FACED, que desde a Profi!. Leda Jesuíno, a quem coube por designação do Reitor Roberto Santos, coordenar a implantação

da Faculdade quando de sua criação, aos demais diretores e, especialmente ao Prof. Hermes Teixeira de Meio, que conduziu esta transição com a tranqüilidade e sabedoria necessárias, que espero seguir-Ihes a trilha aberta.

À comunidade FACED - professores, funcionários e alunos - que esperamos fazer jus à tarefa que nos está sendo confiada, exercendo segundo os princípios que até então nortearam nossa vida profissional, principalmente o do primado

primado do trabalho cooperativo e o da democracia, esta efetivamente exercitada e menos objeto de apenas perorações ou discursos vazios.

Por fim, esperamos, sinceramente que este mandato se realize colocando-se a serviço das crianças, jovens e adultos brasileiros aos quais a negação de uma educação condigna os transformem em objeto fácil de manipulação dos que só têm a sua frente os mesquinhos interesses pessoais dos já beneficiados.

*Em*  
*12/01/96*